

# A MULHER REPÓRTER NO JORNALISMO PÓS-INDUSTRIAL<sup>1</sup>

Jéssica de Oliveira Collado Mateos<sup>2</sup>

Universidade Metodista de São Paulo – FAPESP

(mjessicacollado@gmail.com)

Palavras-chave: Jornalismo pós-industrial, Mulheres jornalistas, Convergência, Gênero.

## 1. Introdução

Jornais e revistas estão sentindo os impactos da crise que a era digital e as novas mídias trouxeram para o meio e estão encerrando suas atividades, como o Brasil Econômico em 2015, ou demitindo funcionários e enxugando suas páginas. O que acontece no caso do jornalismo brasileiro (e mundial) é que os investimentos pesados em infraestrutura e modernização não geraram o retorno esperado, o jornalismo como modelo de negócios não encontrou uma maneira eficiente de gerar lucro pela rede e, em vista dos antigos lucros advindos da publicidade, as empresas viram-se perdendo dinheiro (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013; CASTELLS, 2003; MAGNONI, 2014). E é nesse contexto de autoridade e cenário de crise que surge a preocupação com a jornalista: a pesquisa de Alexandre Bergamo, Jacques Mick e Samuel Lima sobre o perfil do jornalista brasileiro, de 2013, mostrou que 64% dos profissionais são mulheres. Num ambiente onde a maioria é feminina impera ainda a dominação masculina como ordem natural das coisas, dispensando justificativas mais laboradas ou racionais para a visão androcêntrica do mundo (BORDIEU, 2002). Diante do panorama exposto sobre o tema, a questão que surge é: Com a presente maioria feminina nas redações, quais são os desafios que as mulheres vêm enfrentando na era da convergência? E como a perspectiva feminina interfere na produção jornalística?

## 2. Objetivos

Esta pesquisa busca entender pelo olhar de repórteres mulheres como as novas tecnologias interferem na produção da notícia dentro das diferentes redações e plataformas e, em

conjunto com o projeto-mãe “Olhar feminino no jornalismo investigativo” da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marli dos Santos, procura analisar o tema pela questão de gênero. Além de debater a existência dos resíduos patriarcais nas redações e mostrar como a mulher repórter conjuga os diferentes papéis sociais (elementos familiares e profissionais) em sua vida cotidiana.

## 3. Material e Métodos

A primeira parte do estudo foi composta por levantamento bibliográfico e redação da parte teórica da pesquisa onde procuramos explicar os conceitos que são utilizados no trabalho e que serviram para análise das entrevistas, sendo eles: feminino e masculino dentro da sociedade e história da mulher no jornalismo, características da mídia tradicional, do jornalismo pós-industrial, do conteúdo multimídia e da produção da notícia. O estudo proposto é qualitativo, por entendermos que é o melhor método de análise, com o uso da técnica de entrevistas semiestruturadas, na segunda fase, as quais trarão a visão das personagens inseridas no meio. Foram entrevistadas cinco repórteres de 21 a 50 anos que atuam em veículos impressos (uma de jornal ou revista), eletrônicos (uma de rádio e uma de TV) e digital (duas de internet, sendo uma de portal e outra de mídia alternativa ou independente) da cidade de São Paulo, para análise e comparação dos diferentes ambientes da produção noticiosa no qual as mulheres estão inseridas.

## 4. Resultados

Embora não conhecessem o termo jornalismo pós-industrial, todas as repórteres tinham noções bem definidas quanto as

<sup>1</sup> Processo nº 2016/01983-6, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>2</sup> Aluna de Graduação em jornalismo, com Iniciação Científica sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marli dos Santos – UMESP.

mudanças que estão ocorrendo no jornalismo, quais as debilidades que precisam ser enfrentadas, como a queda da verba publicitária e as maneiras corretas de expor o jornalismo na internet, e quais as soluções, como o crowdsourcing, e caminhos que a profissão pode tomar. No geral, as repórteres estão otimistas em torno dos benefícios que a tecnologia pode trazer, mas as repórteres mais velhas, a de jornalismo alternativo, de 49 anos, e a de televisão, de 46 anos, se preocupam com os *haters* (odiadores em português, pessoas que praticam bullying virtual). Somente a repórter de televisão não é otimista quando ao futuro da profissão, porque diz que ela tende a ser desvalorizada, ainda mais com a grande entrada de mulheres e com as empresas aproveitando-se disso para diminuir salários. Para ela o ao vivo, a notícia minuto-a-minuto irá ficar a cargo dos mais jovens, que “podem” ganhar menos por morar com os pais ou quererem experiência, enquanto o analítico irá ficar a cargo de uma parcela pequena de profissionais mais experientes, que ganharam mais e trabalharam como Pessoa Jurídica para vários veículos ao mesmo tempo.

Quanto às questões de gênero dentro da profissão, somente as duas jornalistas que têm filhos disseram não sentir nenhum tipo de discriminação, talvez justamente por terem que protegê-los como mães e desempenhar um papel estabelecido pela sociedade – no período colonial o papel de mãe foi estabelecido como um projeto da Igreja e do Estado de domesticação das mulheres que servia também para preencher lacunas demográficas (DEL PRIORI, 2009 *apud* CORDEIRO, 2013)-, enquanto as que não têm filhos (duas solteiras, com 27 e 26 anos, e uma divorciada, 46 anos) falaram abertamente sobre assédio sexual, discriminação por serem mulheres e até sobre herança patriarcal e machista. Mesmo quando as repórteres alegam não sofrerem discriminações fica implícito em suas respostas que elas vivem em uma sociedade patriarcal, sem igualdade plena de direitos e que vê divisões de gênero como naturais (BORDIEU, 2002), porque elas próprias incorporam estes discursos patriarcais em suas falas.

## 5. Conclusões

Mesmo sendo uma pequena amostra, que não abarca todo o universo jornalístico, fica claro que a questão de gênero existe dentro da área e que ainda temos muito o que avançar nesse campo e na sociedade. O primeiro passo é a conscientização tanto do homem, que não vê certas atitudes como discriminatórias e degradantes à mulher, quanto da mulher, que incorpora esses discursos e não consegue sair da “condição feminina” imposta ou que ignora certos comportamentos e assume uma figura tida como masculina para sobreviver, como no caso da repórter de TV que diz que assume uma postura séria e brigona no trabalho para que não mexam com ela.

Estudos como esse são importantes para perceber o que já avançamos, o que não avançamos e o que ainda podemos avançar nas discussões de gênero e também de jornalismo pós-industrial e sobrevivência da profissão.

## Referências

- ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. **Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos.** Revista de Jornalismo ESPM, v. 5, p. 30-89, 2013.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CASTELLS, M. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CORDEIRO, M. S. MÃE – A INVENÇÃO DA HISTÓRIA. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2013.
- MAGNONI, A. F. Dilemas do jornalismo na era das redes digitais e da globalização. In: BRONOSKY, M. E.; CARVALHO, J. M. (Orgs.). **Jornalismo e convergência.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012.** Florianópolis: Insular, 2013.